

UM OLHAR SOBRE A AMIZADE DE DAVI E JÔNATAS

Geraldo de Oliveira Souza

Aluno do Curso de Filosofia - Mackenzie.

Ἐν παντι καιρω αγαπα ο φιλος,
και ο αδελφος γενναται δια καιρον αναγκης.

“Em todo tempo ama o amigo,
e na angustia se faz um irmão.”

(provérbios 17.17)

INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é fazer uma reflexão sobre o que é a amizade usando a história bíblica de Davi, rei de Israel, e Jônatas, filho do rei Saul, que se encontra no primeiro livro de Samuel e no primeiro capítulo do segundo livro de Samuel. História essa que está situada por volta de 1000 a.C fazendo uma análise sobre se “É possível um vínculo de amizade verdadeira nos dias de hoje?”.

A AMIZADE

Há no ser humano um desejo, uma necessidade, de ser entendido, de ser amado. A amizade sempre foi um caminho para essa resposta, pois, através da amizade, o ser humano encontra um parceiro (ou parceira), que entenderá as suas necessidades, que lhe ajudará nas horas mais difíceis.

Então, qual é a importância desse tema para nós hoje? A importância é que precisamos descobrir qual é o tipo de amizade que estamos compartilhando: a verdadeira e virtuosa, ou simplesmente a que nos oferece algo em troca? Pois existe uma busca incessante para uma resposta concreta sobre a amizade. De qual forma ela é tratada pelo ser humano nas suas variantes?

É de vital importância hoje, para o ser humano, poder refletir sobre qual tipo de amizade ele tem embasado sua vida. O ser humano quer falar, mas se o outro está voltado apenas para si mesmo e não deseja ouvir, cada um fica com o seu próprio problema para resolver. Com medo de se abrir - pois existe o receio de ser exposto pela própria pessoa que se confiou um segredo - o ser humano se fecha, define na sua incapacidade de se relacionar e, nisso, perde a chance de ter alguém sincero que vai amá-lo não pelo o que ele pode fazer, mas sim pelo que ele é.

Esse medo afasta o indivíduo de conhecer uma amizade verdadeira e virtuosa.

Discorreremos sobre o relato da história bíblica, buscando um entendimento sobre a amizade, usando como referencial teórico o ensaio sobre amizade de Montaigne, capítulo XXVIII "*Da amizade*" e alguns comentários de Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, capítulo I, e, por fim, expressaremos a nossa conclusão.

A história de Davi e Jônatas se passa em Israel, no período inicial da monarquia dessa nação, por volta de 1000 a.C. Davi era um pastor de ovelhas que foi promovido ao comando do exército de Israel, após vencer o gigante Golias. O governante desse reino nessa época era o rei Saul. Saul tinha um filho de nome Jônatas. Esta história está registrada no Antigo Testamento, nos livros I e II do profeta Samuel.

Segundo o relato de Samuel, existiu uma grande amizade entre Davi (que futuramente se tornaria o rei de Israel) e Jônatas. Depois de Davi ter matado Golias, ele foi levado à presença do rei Saul e de sua corte. Quando o

rei pergunta de quem era filho, Davi responde “filho de teu servo Jessé, belemita” (Samuel 17.58.) (BÍBLIA. 1991, p. 385).

No início do capítulo seguinte, o autor afirma que “acabando Davi de falar com Saul, a alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma.” (BÍBLIA. 1991, p.385). Forma-se nesse momento um pacto de amizade entre Davi e Jônatas, pois Jônatas entrega-lhe a própria roupa e a sua armadura, sua espada e seu arco, conforme o versículo quatro: “Despojou-se Jônatas da capa que vestia e a deu a Davi, como também a armadura, inclusive a espada, o arco e o cinto.” (BÍBLIA. 1991, p.385).

Continuando, Samuel informa a seguir que “Jônatas e Davi fizeram aliança; porque Jônatas o amava como à sua própria alma.” (BÍBLIA. 1991, p.385). Que nos elucida o nascimento de uma das mais belas amizades da história do Antigo Testamento.

Entretanto, a relação de Davi com o pai de Jônatas, Saul, vai se degradando até ao ponto que o rei Saul deseja matar a Davi. Nesse emaranhado de lutas políticas e invejas, Jônatas toma o partido de seu amigo Davi contra o seu próprio pai, terminando com a fuga de Davi do reino de Israel, onde se ressalta o momento da despedida dos dois amigos, sendo o ápice, o versículo quarenta e um, que nos informa: “... levantou-se Davi do lado do sul, e prostrou-se rosto em terra três vezes; e beijaram-se um ao outro, e choraram juntos. Davi, porém muito mais” (BÍBLIA. 1991, p. 390).

Samuel continua seu livro, ora nos falando de Davi, ora de Saul e ora de Jônatas, até o momento no final do I livro de Samuel, quando Saul e Jônatas entram em guerra com os Filisteus, inimigos históricos de Israel, e são mortos (BÍBLIA. 1991, p.404).

Logo, Davi será informado da morte de Jônatas que pranteia a morte de seu rei e a de seu amigo. Este é o famoso Hino do Arco, segundo descreve F.F.Bruce em seu *Comentário Bíblico NVI*, página 511:

O restante do capítulo registra o *lamento* que Davi compôs para essa ocasião, ordenando que fosse aprendido pelo povo. O cântico está na forma hebraica de lamento, que dá à poesia um cunho de cadência melancólica. Não há moralismo nem espiritualização, mas somente o grande pesar de um homem profundamente sensibilizado. É uma passagem de grande beleza literária. (BRUCE, 2009, p.511).

Assim, podemos ler alguns versos que Davi escreve: “Sem sangue dos feridos, sem gordura dos valentes, nunca se recolheu o arco de Jônatas, nem voltou vazia a espada de Saul.” (BÍBLIA p.407), a seguir: “Saul, e Jônatas, queridos e amáveis, tanto na vida como na morte não se separaram! Eram mais fortes do que as águias mais fortes do que os leões.” (BÍBLIA. p.407), ou ainda “Como caíram os valentes, no meio da peleja! Jônatas sobre os montes foi morto!” (BÍBLIA. p.407), e para finalizar Davi expressa seu amor pelo amigo com um verso significativo e profundo sobre a amizade: “Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo para comigo. Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres.” (BÍBLIA. p.407).

Vimos, então, a história sobre uma amizade profunda: Davi e Jônatas. Montaigne falando sobre seu amigo La Boétie e a amizade que os uniu por quanto tempo Deus o permitiu, diz: “tantas circunstâncias se fazem necessárias para que esse sentimento se edifique que já é muito vê-lo uma vez cada três séculos.” (MONTAIGNE: 1972, p.96).

Existe algo dentro do ser humano que o leva a desejar a amizade, o próprio Montaigne entende que: “A natureza parece muito particularmente interessada em implantar em nós a necessidade das relações de amizade.” (MONTAIGNE: 1972, p.96). Já, Aristóteles escreve que essa virtude é necessária à vida, ele afirma: “Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens.” (ARISTÓTELES: 1987, p.139).

Montaigne descreverá no seu texto sobre o valor da amizade e vários tipos de amizade. Para ele, a existência da amizade deveria ser algo especial, profundo, não somente uma amizade comum que intrinsecamente é uma amizade que exige algo do outro. Aristóteles dirá: “As queixas e censuras surgem unicamente ou principalmente nas amizades que se baseiam na utilidade” (ARISTÓTELES: 1987, p.153). Assim sendo, para Montaigne, não deveria existir esse tipo de situação em uma amizade sincera. Por exemplo, diz ele: “nas relações entre pais e filhos é mais o respeito que domina.” (MONTAIGNE: 1972, p.96). Tratando La Boétie de amigo, argumenta ele, que como existe uma luta natural para se vencer nesse mundo, cedo ou tarde haveria um choque entre os desejos dos irmãos se a amizade entre eles não fosse sincera. Aristóteles vê a mesma situação de outra perspectiva diz ele: “A associação de irmãos assemelha-se à timocracia, (que se baseia na posse de bens, segundo Aristóteles) (ARISTÓTELES, 1987, p.149), porquanto eles são iguais, salvo na medida em que haja diferença de idades; e, por isso, “quando diferem muito em idade, a amizade já não é do tipo fraternal.” (ARISTÓTELES, 1987, p.150) Quanto à afeição das mulheres, “embora proveniente de nossa escolha.” (MONTAIGNE, 1972, p.96), diz Montaigne que essa afeição para com uma mulher “não poderia comparar-se à amizade nem substituí-la.” (MONTAIGNE: 1972 p.96). Aristóteles não fala sobre as mulheres em geral, mas sim sobre a amizade entre marido e mulher. Para Montaigne, o amor difere da amizade, pois o amor se esvai, por ser desejo, quando chega à saciedade desse desejo, o amor se extingue, mas a amizade, por ser algo de essência espiritual “a sua prática apura a alma.” (MONTAIGNE:1972, p.97). Em relação à beleza, Montaigne defende que se a beleza atrai o outro, no fim, esse relacionamento embasado apenas na beleza, vai se tornar uma amizade, mas não a amizade verdadeira. E citando Cícero ele completa: “O amor é o desejo de alcançar a amizade de uma pessoa que nos atrai pela beleza.” (MONTAIGNE, 1972, p.98).

Até aqui, Montaigne está nós mostrando que o que chamamos de amigo e amizade “não passam de ligações familiares, travadas ao sabor da oportunidade e do interesse.” (MONTAIGNE: 1972, p.98).

Na amizade que ele se refere, existe, como na amizade de Davi e Jônatas, algo mais profundo, uma ligação forte e indestrutível, segundo Montaigne "... as almas entrosam-se e se confundem em uma única alma, tão unida uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação." (MONTAIGNE: 1972, p.98).

O relato do profeta Samuel não nos diz por que Davi e Jônatas se amavam, assim como Montaigne não sabia explicar o seu amor por La Boétie, diz ele: "Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que não o saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu." (MONTAIGNE, 1972, p.98). Sua amizade por La Boétie era única em gênero, sem reservas de espécie alguma e que nada que era dele que não fosse do amigo e nada do que era do amigo que não era dele.

Como Davi e Jônatas, o sentimento de Montaigne expresso nas suas letras mostra a igualdade dessa amizade que aconteceu no Oriente Médio entre Davi e Jônatas com a sua e La Boétie, séculos depois na Europa, segundo ele:

Nossas almas caminharam tão completamente unidas, tomadas uma pela outra de tão ardente afeição, essa afeição que penetra e lê no fundo de nós mesmos, que não somente eu conhecia a sua como a minha, mas teria, nas questões de meu interesse pessoal mais confiança nele do que em mim mesmo. (MONTAIGNE, 1972, p.99).

Nas amizades comuns sempre haverá um acorrentando do outro, ou rédeas usadas para direcionar um ao outro, na amizade que Montaigne apresenta, existe a liberdade o dar-se pelo outro, diz ele: "Se nessa amizade a que me refiro, um pudesse dar alguma coisa ao outro, o benfeitor é que seria o favorecido." (MONTAIGNE: 1972, p.99). Aristóteles, completa afirmando que:

"Ora, os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem

um do outro. Idêntica coisa se pode dizer dos que se amam por causa do prazer; não é devido ao caráter que os homens amam as pessoas espirituosas, mas porque as acham agradáveis.” (ARISTÓTELES, 1987, p.141).

Montaigne diz que melhor é ter um só amigo do que vários, pois, não podemos amar vários amigos da mesma maneira, pois se temos vários amigos sofreremos as vicissitudes de termos que atender a todos, mas sendo um só, só dividiremos a amizade com esse, e se temos mais amigos podemos cair no erro de desagradar ou mesmo trairmos esse amigo, diz ele: “Com um amigo único que ocupe em nossa vida o lugar preponderante estamos desobrigados de tudo.” (MONTAIGNE: 1972, p.99). Não é possível multiplicar-se o amor em uma confraria. Aristóteles vai pelo caminho contrário de Montaigne, pois ele afirma que existem as comunidades ou associações de indivíduos que dentro dessas comunidades se fecham e sentem que são amigos. Associações como as dos maridos e mulheres, marinheiros, cada comunidade vendo o que é bom para elas, diz ele: “Como dissemos no começo de nossa discussão, a amizade e a justiça parecem dizer respeito aos mesmos objetos e manifestar-se entre as mesmas pessoas.” (ARISTÓTELES, 1987, p.148).

Para finalizar, Montaigne diz que só quem tem uma amizade verdadeira poderá entender o que ele afirma no seu texto, a morte de La Boétie para Montaigne foi idêntica à perda da vida de Jônatas para Davi. Para ele, a vida que lhe foi bondosa não se compararia à amizade de quatro anos que ele desfrutou ao lado de seu amigo La Boétie e as alegrias que essa vida lhe deu parecem-lhe não ser nada na falta do amigo.

Assim como Davi, que compôs um hino ao seu amor por Jônatas, Montaigne, usando as palavras de Catulo, expressa a sua tristeza com a ausência do amigo, ele escreve:

“Ó irmão, como sou infeliz por te haver perdido! Contigo pereceram de um só golpe todas as nossas alegrias e esse encanto que tua suave amizade deitava em minha vida. Ao morrer irmão, despedaçaste toda a minha felicidade; minha alma desceu ao túmulo

com a tua. Desde que não és mais, disse adeus ao estudo e a todas as coisas da inteligência. Não poderei mais falar-te e ouvir-te? Nunca mais te verei, então, ó irmão mais caro do que a vida” Ah, ao menos amar-te-ei sempre.” (MONTAIGNE: 1972 p.100).

Analisando este paralelo, observamos até aqui que, assim como existiu uma amizade como a de Davi e Jônatas, Montaigne e La Boétie, será que é possível hoje, no século XXI, existir tal amizade nesta intensidade?

A resposta nos leva a ver que o mundo moderno encontra-se em uma correria louca, que afasta os homens uns dos outros. Por outro lado existe o medo da amizade interesseira, a amizade que só quer sugar o outro. Tudo isso nos leva a descobrir, infelizmente, que é quase impossível existir uma amizade como essa amizade sincera e incondicional que ama apenas por amar.

Aristóteles não se aprofunda como Montaigne, mas ele demonstra seu entendimento quando escreve que: “A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos.” (p.141).

O ser humano está necessitado de alguém que o ouça, mas não apenas para isso, ele está precisando de um amigo, um amigo que lhe escute e o ame sem nenhum interesse. Uma amizade incondicional, como a de Davi e Jônatas que ultrapassa o amor de filho pelo pai. De uma amizade que ultrapasse o amor de um homem por uma mulher, de uma amizade como a de Montaigne e La Boétie.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de Textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultura, 1987 (Os Pensadores).

BRUCE, F.F. *Comentário Bíblico NVI*. São Paulo: Vida, 2009.

CALDWELL, Charles. *A Bíblia Anotada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

MONTAIGNE, de Michel. 'Da Amizade' in Ensaio Coleção os Pensadores vol XI, São Paulo: Ed. Abril, 1972.